

# VARRE VILA

<b>ENTREVISTADAS/OS:</b>	Thomas Martins Fonseca Ozana Souza
<b>Localização da atividade:</b>	Comunidade Santa Inês
<b>Área de Atuação:</b>	Projeto Social de redução de impacto sobre o meio ambiente
<b>Data da entrevista:</b>	28/08/2020
<b>Entrevistadores:</b>	Ireldo Alves e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

## BREVE DESCRIÇÃO

O projeto Varre Vila é uma iniciativa da comunidade da Vila Nossa Senhora Aparecida, localizada na zona leste de São Paulo, Ermelino Matarazzo para acabar com os problemas causado pelo excesso de lixo que tomava conta do bairro. Nossa Missão é promover um conjunto de ações integradas entre a comunidade, poder público e empresas privadas na perspectiva da construção de novos hábitos de consumo e de descarte de materiais com vistas à redução de impactos sobre o meio ambiente.

## ENTREVISTADO:

### THOMAZ MARTINS

## ENTREVISTA TRANSCRITA:

**Thomaz:** Meu nome é Thomaz Martins, tenho 24 anos, sou coordenador do projeto Varre Vila, trabalho aqui já há oito anos. Hoje eu coordeno junto com a Ozana o setor de comunicação do projeto e o projeto Varre Vila em Guarulhos com parceria do CDHU.

Bom, o projeto Varre Vila, ele nasce em 2012, por iniciativa da Comunidade, ele nasce pelo incômodo da Comunidade com o lixo que tinha na rotatória da Vila Santa Inês. A rotatória hoje é conhecida pelo mosaico que tem o logo do projeto, mas antigamente, no ano de 2012, ela era um problema por conta do lixo que ficava acumulado, então ela e a confluência de seis ruas (se não me engano) e onde não passava mais carro, não passava gente. As pessoas que moravam ali no entorno sempre incomodadas com aquele lixo e com as doenças também que apareciam, assim como ratos, moscas, enfim... que estavam presentes por causa do lixo. Esse lixo foi gerando incômodo até que duas senhoras procuraram o Aragão, por uma coincidência,

procuraram o Aragão e ele, a partir daquele momento, junto com a Ozana e o Sérgio, que são os idealizadores do projeto, começaram essa ideia. Em 2012 o Aragão ficava na rotatória junto com outros voluntários e, a partir deste momento, a gente foi mudando a realidade não só da Vila Santa Inês, mas com apoio das empresas também, mudando a realidade de outras comunidades. Hoje o projeto já chegou a mais de vinte comunidades, transformando a realidade das Comunidades: então a gente pode dizer que a realidade dessas comunidades foram impactados pelo projeto conseguir um de alguma forma transformar sua realidade. Pessoas que antes queriam sair daquele lugar por conta do lixo, hoje querem morar nesse lugar porque a comunidade é mais organizada, e é uma organização que elas mesmas proporcionaram.

Então o projeto Varre Vila sempre tentou junto com a comunidade, com a prefeitura e com as empresas de coleta de lixo transformar a realidade das Comunidades, essa tríade possibilitou a possibilidade de diversas favelas aí em São Paulo e no Brasil.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** em quais outras Vilas o projeto participou. Quais outras localidades tem o projeto?

**Thomaz:** bom, o projeto chegou (depois da Vila Santa Inês que foi onde nasceu o projeto) a gente foi para União de Vila Nova e aí essas ampliações foram acontecendo. Então a gente foi para Maceió, em São Paulo também a gente já ampliou para zona norte, zona sul, enfim, com outros nomes. Hoje a gente tá em Guarulhos e em Cubatão, em parceria com a CDHU. No centro de São Paulo também com parceria com a Porto Seguro, já estivemos em parceria com outras empresas também no centro e assim a gente foi ampliando, e agora o projeto lança também com outro nome, mas com a mesma ideologia de trabalho com projeto em Curitiba.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** você poderia falar para gente como são as atividades? O que o projeto Varre Vila faz nesses diversos lugares, como é que é o processo dessas atividades?

**Thomaz:** bom, primeiro para o Vale Vila chegar numa comunidade precisa primeiro ter que ter um interesse da própria comunidade e levar esse projeto, em ter esse projeto no bairro. Não sou eu que vou chegar e vou apontar que existe um problema, então a gente vai quando a gente é convidado a resolver um problema junto com a comunidade e com a prefeitura e com as empresas privadas, né? A partir desse momento a gente começa a tentar com os diversos atores sociais que existem ali naquela comunidade para entender o problema e de que forma que podemos solucionar ele com essa tríade. Então as atividades do projeto são focadas na

sensibilização os moradores para não só com a coleta, com a organização do seu lixo, pra que a coleta seja possível o dia e o horário a gente tenta organizar com os moradores para que eles colocam em o seu lixo no dia e horário correto para que a coleta seja feita.

Então nessa chegada no bairro a gente tenta mapear esses parceiros possíveis tem dentro da Comunidade, esses atores sociais que estão presentes dentro do Bairro: seja a UBS, as escolas né, as lideranças, de que forma que esse trabalho é realizado? Por exemplo nas escolas a gente tem projetos voltados para as escolas e organizações sociais que é o Projeto circulando, que é a criança levar o material reciclável para dentro da escola, esse material é entregue para o catador, evidenciando a importância do trabalho do catador também que muitas vezes fica escondido e menosprezado, e aí existe essa marginalização do catador, por conta do trabalho que ele realiza. Então a gente tenta trazer um outro foco e a importância desse trabalho para a criança e para a comunidade E aí a partir disso as crianças levam esse material para escola e entregam na mão do catador e em troca disso a gente faz um dia de brincadeira com eles, então as crianças brincam, tem pula-pula, brincadeira de corda, videogame, a gente monta o espaço onde as crianças possam se divertir em troca de todos os processos que elas fizeram de coleta de material reciclável.

As UBS sempre nos ajudaram, então os agentes de saúde estão presentes no bairro porque são elas que mais conhecem os problemas que existem dentro das comunidades, então essa proximidade com as UBS são de extrema importância para a gente. A entrega de saco de lixo também já foi feita em alguns momentos com as agentes de saúde e é dessa forma que a gente vem trabalhando, deixa revitalizando o espaço que era ocupado pelo lixo e aí é válido lembrar que isso sempre foi feito junto com a comunidade, e a gente não faz isso junto com queimar ele esse trabalho é perdido. Um exemplo são as quadras da Vila Santa Inês, que a gente sempre faz a revitalização anual nelas, chega um momento em que a gente falou: aquele espaço que a gente pegou hein 2018/2017 a gente olhou para ele e falou meu, tá abandonado, não tem mais trave, não tem rede pela enfim as crianças não brincavam mais naquele lugar e as pessoas começaram a se afastar começou a ficar um lugar perigoso, e a gente recuperou ele junto com as pessoas que estavam lá, os jovens que ficavam por lá nos ajudaram a pintar e hoje cuidam desse espaço. Então se você for lá ainda tem a rede que a gente colocou lá no passado ainda tem a tabela de basquete, a trave... por que a comunidade cuida e quando a comunidade faz ela ajuda a cuidar

**Renata CPDOC Guaianás:** Thomaz, o Varre Vila sempre foi uma associação, uma empresa? Vocês são uma associação?

**Thomaz:** uma empresa.

**Renata CPDOC Guaianás:** Sempre foi?

**Thomaz:** o projeto Varre Vila no início ele não nasce como um projeto, é bem engraçado porque ele era um incômodo, então o Aragão ele queria resolver aquele problema da rotatória E aí as empresas de limpeza na época notaram a importância desse trabalho e quiseram ajudar e a partir desse momento a gente começa a idealizar um projeto E aí ele vira toda essa loucura que a gente tem hoje E aí as ampliações vão ocorrendo conforme o projeto vai ganhando força nas comunidades onde eles estão. Eu não sei se eu respondi bem essa pergunta mas é porque é uma empresa privada social.

**Ozana:** no início a gente pensou em ser uma associação, mas depois a gente entendeu que estava mais fácil captar recursos se fosse uma empresa, teria menos burocracias e seria mais fácil de organizar.

**Thomaz:** E até hoje é meio que uma questão porque tá pedindo organização social agora e enfim.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** eu queria que você contasse alguns momentos do grupo de alguma dificuldade ou de alegria, enfim que apareceu nesse período.

**Thomaz:** bom, marcante pelo menos para mim os momentos mais marcantes do Varre Vila foi o lançamento da rotatória que ela é para nós um marco, é aquele lugar que você olha para foto e ver o lixo em 2009/2012 E aí quando você olha hoje você não consegue imaginar que tinha tudo aquilo de material lá, tem um mosaico maravilhoso que foi feita por um morador do bairro, Laércio, que as pessoas hoje vão lá para tirar foto, e o lixo a gente não precisou falar para as pessoas: não coloca mas o lixo em cima da rotatória, elas por si só colocaram em volta e cuidando daquele espaço, então isso para mim é uma coisa marcante, todas as revitalizações que o Varre Vila fez ou participou foram momentos marcantes, tanto as quadras quando a gente revitalizou, o túnel também quer um espaço que a gente passou um tempo revitalizando ele transformando aquele espaço para que a comunidade descer sentisse segura de utilizá-lo. É uma passagem que antigamente as pessoas não utilizavam por quê tinha um odor péssimo, porque

as pessoas defecavam e urinavam dentro dele, ele era escuro Então de noite, como uma mulher passa debaixo da linha do trem num lugar escuro meia-noite? É impossível você imaginar isso. E era a passagem que a comunidade tinha para sair do União que chegar na Assis Ribeiro, onde o pessoal pega o ônibus, e hoje a gente tá dizendo esse espaço e ele continua bem bonito e bem cuidado, com luz, com grafite, com um aquário onde as crianças entram, brincam, querem tirar foto. Então esse para mim é um legado que o Varre Vila vem deixando nas comunidades, além de conquista de espaços como o Eco Ponto do união de Vila Nova que a gente entrou nesse espaço em 2013. Então a gente entra em um espaço no União de Vila Nova em 2013 e esse espaço vem sendo ocupado, então ele vira um Eco Ponto Experimental até que recebesse a legalização, então de 2019/2018 ele foi legalizado então nós temos um Eco Ponto no União de Vila Nova a comunidade tem um espaço onde ela pode jogar seu entulho, seu volumoso gratuitamente.

**Irel do CPDOC Guaianás:** E como esse projeto ajuda como você percebe em sua vida? Na sua vida e na vida da sua família?

**Thomaz:** Quando eu entrei no Varre Vila, no ano de 2014, eu posso dizer que eu era um jovem egoísta eu nunca tinha pego uma vassoura na minha vida, eu acho que um dos primeiros embates que eu tive quando eu entrei no Varre Vila foi de: você tem que varrer a porta da sua casa! Você tem que ajudar a limpar esse espaço! A gente tem que cuidar dele junto que é a sede do projeto, e eu falava: não, mas por que que eu tenho que varrer a porta do espaço Varre Vila? E aí é o momento em que a gente começa a ser sensibilizado pela ideia também, entender que se a gente não fizer porque outras pessoas vão fazer também né? Que discurso é esse que eu tenho que adotar para mim também como ação própria e dizer que cinco minutos pode mudar uma vila? Se eu não varro a minha porta porque eu vou pedir para outro morador varrer? Então esse cuidado que as pessoas têm hoje com o bairro veio me influenciando e também não só dessa questão de cuidar da frente da minha casa mas também de separar meu material, meu resíduo em casa, então hoje eu tenho dois lixos em casa: o orgânico e do material reciclável, então são essas mudanças que a gente vem adotando em casa também. Eu acho que é uma mudança enquanto ser humano, de conseguir olhar para o outro e ver nele a possibilidade também de mudança, de crescimento, é o que a gente tem que acreditar diariamente vivendo o Varre Vila que as pessoas podem se transformar o espaço em que elas vivem. Não adianta olhar e falar assim: Ah porque eu moro numa comunidade precisa e vai morar sempre no lugar sujo, não! As pessoas podem e vão conseguir melhorar seu lugar se elas entenderem que elas

podem melhorar o lugar que elas moram, e a esse o trabalho que o projeto que o Varre Vila vem realizando de sensibilizar as famílias para cuidar da zeladoria do seu bairro.

**Renata CPDOC Guaianás:** Como é que tá nesse momento de pandemia em Thomaz? O povo cuida do lixo? O povo usa máscara? E as máscaras como é que tá (risos)?

**Thomaz:** Esse momento de pandemia, na verdade a pandemia foi um baque para todo mundo e para nós não é diferente, a gente tem os trabalhadores que estão na rua diariamente fazendo a limpeza urbana, então a gente precisou muito pelo cuidado com eles também, com máscaras e enfim para que eles estivessem seguros nesse trabalho. Divulgando sempre nas nossas redes sociais para que a comunidade ajude também a cuidar do Bairro e cuidar dessas pessoas que estão trabalhando. Então a gente fez diversos vídeos e campanhas nas nossas redes sociais para que as pessoas ficassem em casa e se protegessem. A rotatória mesmo virou um símbolo do: fica em casa. Então a gente fez a cobertura na rotatória com esse recado "fica em casa" para que as pessoas pudessem se protegerem porque a gente sabia que na hora que isso estourasse na comunidade não ia mais ter como segurar e hoje a gente já tem diversos casos aqui, então a gente além de entregar máscaras para comunidade e diversas ações a gente também fez a pulverização para desinfetar em alguns ambientes como o túnel e enfim outros espaços públicos para que a comunidade ficasse mais segura Então esse tem sido o papel do Varre Vila durante essa pandemia.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** a gente sabe da problemática do lixo em São Paulo, tanto a problemática das empresas de lixo, da falta de uma coleta seletiva. O Varre Vila ele vem com propostas ou ele atua e participa politicamente porque a gente sabe que o lixo ele vai ter diversos problemas na cidade e o que aparenta é que é um problema só da prefeitura E como Varre Vila pensa nessas propostas tanto das empresas que fazem a coleta de lixo essa questão da coleta seletiva, como é que vocês pensam isso mais no âmbito da cidade? E como vocês participam politicamente desses espaços?

**Thomaz:** o projeto vai revelar não é um projeto que sempre esteve só em comunidades a gente já teve em Campos Elíseos e em outras regiões do centro, só para evidenciar que este não é um problema só das Comunidades! Quem nunca viu aquele bichinho descartado de forma irregular perto de um poste. De interrogação então para gente sempre foi interessante mostrar para a

comunidade que que é direito dela, ter uma varrição de qualidade. De interrogação quando a gente olha e pensa na Avenida Paulista, Avenida Paulista um lugar limpo porque as pessoas não jogam lixo lá? Ou porque ela tem uma varrição frequentemente muito maior do que uma comunidade? Quantas vezes alguém na comunidade já viu um varredor passando na porta da sua casa para varrer a rua? O que que é o direito que essas empresas em serviço que essas empresas têm que prestar para comunidade essa informação precisa chegar para os moradores para que eles saibam também cobrar, mas não é só cobrar de que forma que a comunidade também colabora para a limpeza da sua comunidade? De que forma os moradores colaboram para que essa limpeza seja feita. De interrogação organizando seu lixo No dia e no horário correto, a empresa também oferecer tendo espaço como é que o Eco Ponto Como é o caso da Vila Santa Inês uma caçamba que vem mensalmente para os moradores descartarem o seu entulho e seu volumoso então a Corpus traz a caçamba que recolhe ela quando enche, a Corpus é a empresa de limpeza que atende aqui na zona leste pronto então essa caçamba vem nem somente para Vila Santa Inês e hoje já foram retiradas duas caçambas da Comunidade, é um material que não vai ser descartada de forma irregular na porta de outra pessoa ele não vai parar na beira do córrego, não vai parar na calçada no seu vizinho, porque o morador tem a possibilidade de descarte correto. Então da mesma forma que a gente cobra a comunidade de olha: não descarte o seu material em qualquer calçada enfim a gente também cobra as empresas e a prefeitura para que deem essa possibilidade de descarte correto para a comunidade e que o serviço seja prestado de forma regular.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** eu gostaria de saber como é que vocês guardam esse patrimônio essas atividades que vocês realizam, como é que vocês guardam essa memória? Porque já são aí por volta de 8 anos né, então vocês têm essa memória aí do seu Aragão e de outras pessoas que participaram e como é que vocês organizam essa história? E se vocês conseguem também realizar alguma atividade com essa memória, essas memórias são compartilhadas entre as pessoas da comunidade que vocês atuam e como vocês, (está no site que vocês trabalha muito com a mudança de hábitos) quando vi aquele espaço antes e depois ajuda nessa Mudança de Hábito também na comunidade.

**Thomaz:** é uma coisa que é muito importante que é o costume porque quando a gente acostuma ver o lixo ele começa a ser natural para gente então essa mudança de hábito tem a ver também com a transformação do Olhar então quando eu comunidade começa a perceber que aquilo mudou ela também muda o seu hábito para aquele lugar, então quem descartado incorretamente

no lugar que depois tá grafitado, bonito, limpo e organizado, fica até feio a pessoa chegar com saquinho de lixo dela lá e ser a primeira a colocar. Então a gente tem que ir de estrada muito nossas ações em fotografia, vídeos de depoimentos porque eles são importantes no futuro para que aquilo não seja esquecido. Quantas coisas a gente já não viveu? Isso porque existe uma rotatividade muito grande de pessoas nas comunidades, um vem, sai e outro aluga então nunca as pessoas são as mesmas naquele lugar e quem chega não sabe a história que se passou ali. Você podia morar do lado de um lixão e você nem sabe e por isso a importância das fotografias dos vídeos, então a gente tem fotos de todos esses pontos que a gente foi recuperando durante esses oito anos para que a comunidade consiga também se ver não só dos pontos de lixo mas das pessoas que nos ajudaram.

A história do Varre Vila está hoje aí em livros e a gente tem até um livro e a gente tem até um livro que é o “Se Essa Vila Fosse Minha” que foi feita por diversos fotógrafos contando um pouco da história da Vila Santa Inês, especificamente, e trazendo um pouco dessas pessoas que nos ajudaram durante essa trajetória do projeto, também tem o site do projeto Varre Vila onde a gente tem a história dos voluntários dessas pessoas que nos ajudam diariamente. Os voluntários são pessoas que ajudam na entrega do saco de lixo na mobilização de outros moradores, então essas pessoas são importantes pra nós, porque nada disso que a gente fez até hoje seria possível sem elas, os voluntários, os moradores, enfim todas essas pessoas que contribuíram para que o Varre Vila existisse e para que a comunidade se tornasse o que é, exemplo de limpeza urbana não só para São Paulo, mas para o Brasil.

**ENTREVISTADO:**

**OZANA SOUZA**

**ENTREVISTA TRANSCRITA:**

**Ozana:** Meu nome é Ozana Souza, eu tenho 36 anos nasci aqui na Vila Santa Inês, sou cria desse lugar e aí acho que isso diz bastante sobre mim, sobre minha atuação... Participo do projeto varre Vila desde o início, mas a minha atuação aqui no bairro ela já é de algum tempo, acho que desde os 20 anos eu estou pensando e propondo projetos e ideias de melhoria. De lá pra cá, num lugar de que eu moro aqui, então esse lugar precisa também melhorar e atenderas coisas que eu vou aprendendo em outros lugares e quero trazer pra cá, eu acho que o Varre Vila me pega nesse lugar. Eu estava de seguro desemprego, eu estava num escritório de arquitetura, e via muita coisa lá que eu falava: nossa, pra aumentar isso na Vila vai ser muito legal, mas também de saco cheio de trabalhar com esse público elite, branca... é meio complicado e aí eu pedi pra ser demitida, enfim, saí desse trabalho e vim e fiquei pensando no que ia fazer, pensei em dar uma descansada porque já trabalho há muito tempo, ficar lá trabalhando num emprego pro outro e aí encontrei o Aragão, eu estava andando aqui na Vila e encontrei o Aragão e ele falou pra mim: Pô, to com uma ideia aí acho que você podia me ajudar. Aí caí nesse papo dele que é sempre maravilhoso, ele tava com uma iniciativa que era orientar os moradores com o descarte, porque a gente tinha muito problema com descarte irregular aqui na Vila, e aí era aquela coisa, cada morador jogava algum material diferente, então um morador jogava entulho, moveis velho e lixo doméstico no mesmo lugar e aí as empresas quando vinham coletar tinham muita dificuldade porque era um lixo doméstico misturado com vários tipos de material e aí o lixo ficava. E aí vou coletar porque tem bicho morto, aí vinha de bicho morto, aí não vou coletar porque não consigo pegar porque tem entulho. E o morador acabava que ia jogando mesmo aquele material lá, aí a gente começou a fazer um trabalho de abordagem com o morador, primeiro a gente pediu para a prefeitura retirar a caçamba e aí a gente começou a falar com o morador: olha, agora o horário é um horário novo você pode colocar aqui só duas horas antes.

E aí foi bem interessante por que em 6 meses nós tínhamos todos os pontos da Vila controlados e no primeiro mês a gente diminui 80 toneladas de resíduos aqui nesse bairro. Aí a empresa queria saber o que estava acontecendo porque enquanto todas as comunidades estavam pedindo caçambas a gente cada vez a gente ligava: olha, agora a gente quer que tire a caçamba da Centro Verde, agora é em tal lugar. Aí eles procuraram a gente para entender o que a gente tava fazendo, e não era um projeto, a gente tava cuidando desse lugar que é o lugar que a gente mora, e aí eles: quais a metodologia que vocês usam? E a gente ficava olhando um para a cara do outro e dizia: Ah, a gente conversa com os moradores. Não existia nenhuma grande teoria,

facilitava muito porque a gente mora aqui e a gente tem uma atuação no bairro que a abordagem era mais fácil, então a gente tava falando com amigos e aí a gente começou a perceber que daria certo em outras localidades e eu acho que é assim que o projeto nasce.

Tem uma coisa que é muito interessante é que as moradoras já estavam procurando pra resolver esse problema, então elas vão na prefeitura de São Miguel pra reclamar que a Vila tá muito suja e precisa limpar, tirar a caçamba porque dava muito problema, e lá na prefeitura falavam: você tem procurar o Aragão, que é uma pessoa que se chama Aragão na prefeitura de São Miguel que é responsável pela limpeza da região, aí ela pensou: ah, o Aragão é meu vizinho, vou lá falar com ele. Só que não era o mesmo Aragão, era outra pessoa, aí elas batem na porta do Aragão pra falar: fui na prefeitura reclamar e eles mandaram vir aqui. E aí ele achou que o pessoal da prefeitura tava de sacanagem com ele, daí nisso que ele começa esse trabalho de abordagem então eu acho que foi uma coisa meio que o destino, não sei se acredita muito nisso, mas, meio que isso escolheu a gente, sabe? E eu tava de seguro desemprego sem fazer nada em casa, trabalhava em outros projetos mas nada que o ocupasse muito o meu tempo, e aí a gente começou a fazer e deu muito certo. Então quando a empresa chega e ela quer saber qual a metodologia que a gente tá usando, qual o tipo de logística que a gente tá fazendo, e a gente fala que só conversa com as pessoas, que é só isso, tinha uma coisa que era fundamental pra gente que era, a gente não chamava morador de porco e nem falava pra pessoa voltar com lixo pra casa, quando ela chegava com lixo, eu falava: “já que você trouxe deixa aqui que eu vou levar pra minha casa e eu trago mais tarde na hora do caminhão”, e a pessoa ficava super constrangida, do tipo: “nossa, vai levar o meu lixo pra sua casa? Como assim?” E aí a pessoa voltava numa boa, então foi assim que o projeto nasceu.

A Vila ela é uma reurbanização recente, ela não é uma comunidade tão antiga e ela não tinha tantas casas como tem hoje, era basicamente 300 famílias que moravam aqui, né? E era muito perigoso, como quase todas as periferias de São Paulo na década de 80 e as pessoas foram casando entre si, então essa comunidade ela meio que todo mundo - eu acho que isso deve acontecer em todos os lugares, né? É meio que todo mundo parente assim.

Então eu cresci aqui participando de todas as atividades que eram propostas pra cá porque a gente não podia sair desse lugar, e as pessoas tinham medo também de quem morava, as pessoas falavam: nossa, você mora no Santa Inês? Nossa! Então, a mãe de nenhuma amiga minha

deixava elas virem brincar aqui, eu também não podia sair pra outro lugar e isso fez com que eu circulasse muito durante minha infância aqui e a gente tinha uma coisa que era: ah, vamos andar? e a gente ficava andando aqui no entorno, nos becos, entrando e saindo na casa dos outros, era esse o nosso lugar, então acho que muito da minha visão de ficar aqui e querer mudar, vem desse lugar, de ser esse lugar que eu vivo que são os meus amigos e que eu conheço desde a vida inteira.

**Renata CPDOC Guaianás:** Foi quando surgiu a ocupação aqui, década de 80? No final ou já foi meados de 90?

**Ozana:** Não, ela começou antes, como uma ação vinda do nordeste, então minha família vem do nordeste pra trabalhar aqui, meu avô vem pra trabalhar como mestre de obras. Então a maior parte das famílias veio assim, e aí aqui essa parte que eu moro é um pouco mais afastado, eu moro na flor de madeira, e o que é bem interessante é que eles falam: você não é daqui de dentro. E eu moro uma rua acima. Eu moro na borda, mas ela teve uma ocupação, aí na década de 80..., 90 explodiu, aqui teve o maior número de pessoas e tal. Mas é bem interessante que a luta dessa comunidade que é daqui de dentro, que o pessoal fala que a Nossa Senhora Aparecida, fez com que a urbanização chegasse na minha rua, por exemplo. A minha rua foi asfaltada só em 93 por conta da luta dos moradores daqui dessa região.

**Renata CPDOC Guaianás:** E chegou a formar alguma associação, algum movimento aqui pra essa rua, para regularização?

**Ozana:** É, tinham várias associações só que o que é muito interessante que aconteceu que foi na gestão da Luíza Erundina, já fazendo propaganda aqui, porque ela é maravilhosa, na gestão da Erundina então tinha as Comunidades Eclesiásticas de Base, então tinha a formação política pra políticas comunitárias e o Aragão, a liderança dele nasce desse lugar, que daí ele começou a fazer parte do grupo de comunidade eclesial de base e depois ele foi fazer formação porque as lideranças comunitárias recebiam formação política e tudo. E aí quando foi urbanizar ele sofreu um processo que eu acho, agora que estudo Arquitetura, eu acho muito bonito, que cada mora..., cada rua tinha um representante e aí o representante sentava com o arquiteto e o engenheiro e um representante da prefeitura pra pensar como ia ser cada rua, e esse pessoa era responsável de passar e: olha, a rua vai ser assim. E os moradores recebiam na casa a

encadernação de como ia ser, que dia o material ia chegar, como que ia ser o plano daquela rua e tal. Aí isso foi bem legal aqui. As reuniões eram feitas no antigo espaço do Varre Vila que é o Maria de Nazaré, que é um espaço histórico bem importante, que era isso, os trabalhadores faltavam as vezes no serviço, ou as reuniões eram feitas a noite pra que todo mundo pudesse participar.

Então é bem legal, essa rua aqui, ela não era rua, ela era um escadão, acho que depois na requalificação que mudou porque na época as moradoras que eram na maior parte mulheres elas decidiram que elas não queriam que fosse rua, para as crianças poderem brincar com liberdade, então tinham uns calçadões e vários platôs para as crianças poderem brincar e isso era decidido com os moradores.

**Renata CPDOC Guaianás:** Aquela pracinha que tem aqui em cima na Maria de Nazaré? Foi também pensada assim?

**Ozana:** Sim. Cara, aquilo é muito, tem um material de 8 horas aqui da comunidade que gravava quando urbanizou e que tinham vários canteiros e tal, e aí eles inauguraram ali que era uma praça que eles pensavam para ter as festas da comunidade, então ali tinha forró. Em 92 teve o primeiro festival de sustentabilidade aqui na Vila, em 92 assim, a comunidade já tava pensando nisso, já tava pensando em separação de lixo, de um monte de coisa. Tinha uma coisa que era de descobrir qual era o morador mais antigo da Vila, então sai um monte de criança, e se ganhava prêmio por isso, que era muito legal, era uma gincana.

**Renata CPDOC Guaianás:** E quem é o morador mais antigo?

**Ozana:** Ah, é seu Caboclo, ele é maravilhoso, mora aqui perto, eu sempre esqueço o nome da esposa dele (isso é tão feio) que ela é maravilhosa também. Eles têm um time de futebol que chama Os Pereiras que é o meu time do meu coração. E eles são os moradores mais antigos aqui da vila, então ficava todo mundo assim: Ah, vamos sair pra procurar qual é o morador mais antigo. E tinha uma coisa também que era, quem era o morador mais novo. Então saia todo mundo pra procurar recém-nascido, era umas coisas bem legais, tinha forró. E aí a gente também sempre fica pensando nisso porque agora tem os fluxos e tal, né? e que daí todo mundo reclama, os moradores mais antigos reclama mas aí quando a gente vai ver mesmo, a gente

também fazia isso aqui, a gente não podia sair, então tinham muitos bailes que era o Aragão que realizava e isso é muito legal, então ele era essa pessoa que realizava os festivais, festival de poesia, festival de forró e que era só pros moradores daqui, não vinha gente de fora.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** Essas transformações você consegue notar que elas se dão conforme vão passando o tempo e a própria configuração da comunidade. O que você consegue notar de mudança que o projeto proporcionou quando ela vai para outras vila, para outros espaços o que ela carrega desse projeto aqui?

**Ozana:** Eu acho que é essa percepção que dá para morar num lugar limpo porque normalmente, pelo menos para gente quando a gente entrava numa comunidade, a limpeza era a última coisa que a gente reparava, essa rua foi varrida hoje? Tem lixeira? Eram coisas que a gente não reparava antes. E daí isso agora é muito visível, eu entro numa comunidade sem se aquela rua está sendo limpa se não tá e os moradores daqui também percebem rápido, não sei se é isso que você me perguntou eles vão para outros lugares e percebe que tá sujo que não tem serviços de limpeza, porque eu acho que ficou uma coisa tão afastada das Comunidades dos serviços de limpeza pública mesmo de varrição e coleta que a gente não consegue perceber então, não sei se dá para dizer isso mas acho que os moradores que são da Vila Se eles forem para outro lugar eles vão perceber que é sujo que aquilo e a gente também quando vai em outros lugares a gente consegue perceber e consegue identificar que dá para mudar se tiver vontade do poder público, das empresas e dos moradores.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** Tem isso e os moradores daqui que consegue visualizar e vocês mesmos enquanto o coletivo quando vocês vão para outros espaços como o Thomas falou em outros lugares, já consegue organizar outros lugares também, outras Vilas, então que vocês levam daqui dessa experiência para outros lugares?

**Ozana:** que funciona. Que dá certo. E que todo mundo quer morar num lugar limpo. E que aquela comunidade que consegue se organizar, porque assim não Varre Vila tem um princípio que é a gente só contrata moradores da região, então os varredores são moradores da região, os coordenadores são da região, os agentes ambientais são da região e aí eles vão entender, não tem uma receita mas também o projeto não tá solto, tem as diretrizes e aí aquela comunidade vai compreender como é que vai entender, como é que vai funcionar, como é que vai funcionar

daquele jeito, então eu acho que é isso que funciona o que dá certo e dá mais certo Se isso for feito pelos próprios moradores de lá. Por diversos motivos uma fonte de renda para aquelas pessoas, então, eu acho que quando limpa e aquilo tá ligado algum emprego tem essa força maior, de que aquele projeto gera dinheiro e emprego para aquelas pessoas que estão limpando. Então não fica naquele papel invisível que tem os varredores normalmente na cidade que são pessoas invisibilizadas. O varredor ele é morador dali ele é pai de alguém, ele é filho de alguém, ele é conhecido é fulano de tal que tem uma interação com a comunidade, então eu acho que funciona vai para outro lugar.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** Quantos anos no projeto?

**Ozana:** 8, desde o início.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** E você consegue notar alguma transformação, mudança, visões diferentes?

**Ozana:** sim eu acho que a gente é bem diversa, e como isso umas eu como: ah, estamos fazendo um projeto de limpeza urbana! E a gente também teve que mudar e rever os nossos hábitos e estudar, então é bem visível ver isso de como a gente era e agia como pensava o meio ambiente e como a gente vem agora. Porque não era uma coisa do nosso corpo de trabalho das coisas que a gente fazia, todo mundo trabalhava como social, ou trabalhava com outras questões, e pensava meio ambiente, mas não como prática cotidiana, todos os dias ali. Isso impacta de fato na vida das pessoas.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** Fala do momento atual um pouco, como é que tá esse momento de covid, como é que tá os trabalhos?

**Ozana:** Ah sim, eu fiquei pensando porque vocês perguntaram por Thomaz essa coisa da reciclagem, porque no início a gente tinha uma preocupação em trabalhar com isso, e trazer essa questão da coleta seletiva, mas depois a gente conseguiu entender que o morador não conseguia entender como é que funcionava os serviços de limpeza. Então, quem era responsável e por quê, o que separa ou não, que empresa que é qual tipo de material. E como isso é um processo educativo a longo prazo, a gente, é claro que tenha preocupação e trabalho em alguns pontos, mas o que a gente quer, que é o nosso foco principal é trabalhar o descarte correto de todos os resíduos, fazer a moradora entender que existe uma empresa que coleta cada tipo de material e que tem uma responsabilidade sobre aquilo e daí a gente acha que o morador por si

mesmo vai entender: então na coleta seletiva e posso entregar para o catador que mora mais perto, Isso aqui vai para o resíduos e coletas, acho que é mais isso.

**Renata CPDOC Guaianás:** Você contou como é que começa esse processo, mas como é que ele se constitui enquanto empresa? E como é que vocês conseguem gerar recurso, como é que você se organizam, quantas pessoas trabalham?

**Ozana:** no início a gente tinha algumas ONGs parceiras, então nosso primeiro eu contrato, uma história muito engraçada a gente era um grupo de três pessoas eu, Sérgio, Aragão, o Aragão é o idealizador, a gente pensou mas eu e o Sérgio a gente é muito próximo dele, aí tinha algumas organizações que eram organizações parceiras que recebiam e repassava esse dinheiro para gente, depois de seis meses que a gente tava trabalhando aqui na vila deu certo e a gente conseguir um contrato com uma empresa que disse: eu quero financiar vocês. Continua fazendo o que vocês estão fazendo que é bom. E a empresa falou: mas isso só funciona porque vocês são moradores e daqui. E a gente falou: Imagina isso funciona em qualquer lugar, todo mundo que mora em um lugar limpo. A gente respondeu assim de supetão, né? Porque no nosso entendimento todo mundo queria mesmo. Aí eles falaram: porque vocês não fazem então no Vila Nova, lá tem mesmo problema. E a gente meio que ficou se sentindo desafiado, e a gente também queria muito fazer lá porque são comunidades que são irmãs, elas nasceram juntas e aí a gente recebia dinheiro dessas organizações depois a gente começou a entrar nesse trâmite de fazer uma associação, mas é um processo bem burocrático e difícil, lembra que tinha que ter tesoureiro e não sei o quê, Presidente... Era muita coisa. E a gente precisava de uma coisa que fosse rápida, e mais rápido para ter uma empresa, agente se constituiu com a mamãe empresa existe uma hierarquia, o Aragão é essa pessoa que é o dono e tal mas o trabalho da gente funciona de maneira horizontal a gente tem autonomia para decisão de outros projetos em cada setor, a gente está agora é por conta da pandemia criou-se um setor de comunicação para poder situar com todos os projetos que tem menos contratos e tal então a gente tem autonomia. E aí os financiamentos eles vêm através empresa de lixo que são parceiras e financiam o projeto, a gente deve estar em torno de 20 funcionários, se eu não me engano. Aqui, contando Curitiba, e outros lugares que o projeto atua.

**Renata CPDOC Guaianás:** Público no caso?

**Ozana:** Não, só privada. É isso O dinheiro é passado para as empresas de lixo e das empresas de lixo passam para um processo de educação ambiental nas comunidades.

**Renata CPDOC Guaianás:** E como é que está a questão da pandemia?

**Ireldo CPDOC Guaianás:** Como é que estão as atividades hoje?

**Ozana:** Tá bem difícil, porque o nosso trabalho é um trabalho da rua mesmo, tête-à-tête de conversar, de conhecer todas as pessoas, e nas comunidades nem todos os lugares tem internet, aqui, isso na Vila é super difícil alguns lugares funciona bem outros nem tanto. Agora a gente tá trabalhando muito via WhatsApp, Facebook, lives, porém os nossos trabalhadores eles são considerados serviços essenciais, muitos não pararam em nenhum momento. A gente trabalhar mais esse contato com os moradores que diminuiu, mas a gente continua nas ruas trabalhando todos os dias a gente trabalha com os varredores eles não pararam.

**Renata CPDOC Guaianás:** Vocês já chegaram a fazer uma conta de quanto se varre na região central e de quantos vai aqui?

**Ozana:** eu não sei se esse dado tá atualizado, mas a gente sabia que no começo: Ah, a gente queria contratar varredores para cá. Então tem que ter varredor aqui. Quantos varredores? Que a gente: oito varredores e daí falaram que a Paulista era varrida 24 horas por dia por uma equipe de oito pessoas, de cada lado, a cada uma hora. Então é que se começa uma hora entra aí vem outra equipe em uma outra hora. Então tem um atendimento muito grande para outras regiões, então não é verdade as outras regiões são limpas e que as comunidades são as porcas, as sujas e tal. É porque não existe que a ideia do projeto e garantir isso com as empresas, pensar junto com uma empresa como é que a gente consegue atender as comunidades, porque é um direito.

**Renata CPDOC Guaianás:** E situação de aterro aqui próximo vocês não tiveram que lidar com nenhum?

**Ozana:** não.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** E nessa história de oito anos, nas histórias daqui da vila, você é uma pessoa que pode falar muito bem disso, como é que tanto projeto quanto Vila como que é guardar essas memórias? Fotos de pessoas.... Como é que vocês guardam repassam essa história desse lugar aqui é muito importante.

**Ozana:** sim, eu tinha falado que Thomas falou bem que a gente tem um livro tem as publicações que a gente faz manuais, mas elas acabam que vão para as instituições, para as

escolas e em algum momento o livro a gente conseguiu distribuir o livro para todo mundo que participou, que teve foto mas eu sinto que ainda Precisa ter um lugar de que isso ficasse registrado para que todos os moradores pudessem ter acesso, e olhar mesmo, a gente tem fotos lindas aqui da Vila, de como era de como isso foi crescendo, mas não existe um lugar único que a gente guarda. A gente tenta fazer em páginas de Facebook, Instagram tem as obrigações que são importantes, mas não sei a gente consegue chegar em algumas pessoas e a legal ter um museu. Não sei se é porque eu fico contando sempre essas histórias quando as memórias eu acho muito legal eu vou falar aqui da vila eu começo a falar então... Olhando para esse material então penso que se a população também tivesse acesso e tivesse interesse isso podia ser bem legal até para trabalhar melhorias para pensar. A gente fez em 2017 o seminário para pensar qual era a Vila que a gente queria para daqui a 10 anos a gente viu aquela proposta da ONU 2030 a gente começou a imaginar daqui a 10 anos como é que vão ser essas suas? Como é que vai ser as escolas? O que a gente quer para isso lugar? E daí foi bem legal a gente teve 250 moradores participando no sábado de manhã para pensar essa região tem muita coisa que tá acontecendo que tá legal eu senti estar para todo mundo.

**Ireldo CPDOC Guaianás:** A narrativa que você traz vai ajudando eu queria que você tentasse sintetizar um pouco a importância do projeto na sua vida.

**Ozana:** é importante porque me faz acreditar que é possível transformar as comunidades por elas mesmas gerar recursos tirar dinheiro, renda hoje eu trabalho só no Varre Vila, eu trabalho só pra essa comunidade e pra outras tantas que a gente vai. Então, me fez ver que é possível isso, dá! Não tô querendo entrar no lugar meritocrático, mas é possível, dá certo. E dá certo manter as comunidades limpas, com a ajuda do morador, do poder público e da empresa, precisa ter os três juntos.

**Renata CPDOC Guaianás:** É um processo de autogestão de autonomia da população com isso, uma apropriação da própria Vila, não seria necessariamente meritocracia, mas é uma relação dela com relação ao lugar em que ela vive sem esperar que alguém venha fazer por ela.

**Ozana:** É de gestão compartilhada, de entender: eu posso varrer a minha porta todos os dias, mas quem vai coletar? Quem passa pra recolher esse material todos os dias? Como isso é feito? E quem é essa pessoa que vai coletar? Como é que eu humanizo esse trabalhador. Na rotatória eles levavam duas horas para coletar o lixo, imagina de ficar duas horas ali retirando lixo, onde

eles demorando de 8 a 2 minutos. Então, você melhora a qualidade de vida do trabalhador também, então essa gestão compartilhada ela é possível.